



Comentário Bíblico Exegético de 1 Reis 6-12 (KJA) – Versículo a Versículo

Estudo acadêmico aprofundado sobre a construção do Templo, a glória e o declínio de Salomão, e a divisão do Reino de Israel

Jônatas Silva da Cruz, Teólogo

A Construção do Templo – Introdução

No ano 480 após a saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no quarto ano do reinado de Salomão, no mês de Zife — o segundo mês do calendário hebraico —, deu-se início à construção da Casa do Senhor. Esse marco cronológico não é meramente informativo: conecta de forma teológica o evento libertador do Êxodo com o estabelecimento definitivo da morada de Deus entre o Seu povo. A peregrinação pelo deserto, a conquista de Canaã e os séculos dos Juízes culminam, enfim, na edificação de um templo permanente.

O local escolhido foi o **Monte Moriá**, o mesmo sítio onde Abraão esteve disposto a sacrificar Isaque (Gn 22:2) e onde Davi ofereceu sacrifício para deter a praga que assolava Israel (2 Crônicas 3:1). A escolha do monte não é acidental; é profundamente teológica. O lugar carrega em si camadas de significado redentor, apontando para a fidelidade de Deus através das gerações. A construção do templo representava, portanto, não apenas uma obra arquitetônica grandiosa, mas o cumprimento visível de séculos de promessas divinas ao povo da aliança.

480 Anos

Tempo entre o Êxodo e o início da obra

Monte Moriá

Local sagrado desde Abraão

Mês de Zife

2º mês do calendário hebraico

1 Reis 6:1 – Contexto Cronológico e Teológico

O versículo inaugural do capítulo 6 situa a construção do templo no **quarto ano do reinado de Salomão**, estabelecendo um marco fundamental para a cronologia do reino unido de Israel. A menção precisa ao "ano quatrocentos e oitenta" após o êxodo não é casual: ela conecta a história da redenção ao momento presente da narrativa, demonstrando que a edificação do templo é o clímax de um longo processo de cumprimento das promessas divinas.

Os comentaristas **Keil e Delitzsch**, em sua obra clássica de exegese veterotestamentária, argumentam que o número 480 deve ser compreendido como uma cifra historicamente precisa, e não meramente simbólica (embora alguns eruditos proponham que se trate de 12 gerações de 40 anos). A relação entre o êxodo e a construção do templo revela o propósito redentor de Deus: libertar o povo não apenas da escravidão física, mas para conduzi-lo à adoração plena em um santuário permanente.

Teologicamente, este versículo demonstra que a história de Israel não é aleatória, mas **providencialmente dirigida** rumo ao estabelecimento do culto centralizado em Jerusalém.

📌 **Nota acadêmica:** O debate sobre os "480 anos" envolve três posições principais: (1) cronologia literal, (2) número simbólico de 12 gerações × 40 anos, e (3) compressão cronológica dos períodos dos Juízes. A posição literal encontra apoio em estudiosos conservadores como Merrill e Kitchen.



1 Reis 6:2 – Dimensões do Templo

As dimensões do templo são apresentadas com precisão: **60 côvados de comprimento, 20 côvados de largura e 30 côvados de altura.** Utilizando o côvado sagrado (aproximadamente 52,5 cm), essas medidas correspondem a cerca de 31,5 metros de comprimento, 10,5 metros de largura e 15,75 metros de altura. Embora não fosse um edifício de proporções colossais quando comparado aos templos egípcios ou mesopotâmicos, o templo de Salomão destacava-se pela qualidade dos materiais e pelo simbolismo teológico impregnado em cada dimensão.

O padrão das medidas encontra referência cruzada em **2 Crônicas 3:3**, que especifica o uso do "côvado antigo" como unidade de medida, distinguindo-o do côvado comum utilizado no período pós-exílico. A proporção de 3:1:1,5 (comprimento, largura, altura) revela uma harmonia matemática que muitos estudiosos associam à perfeição e santidade do espaço consagrado à presença divina.

60

Côvados

Comprimento (~31,5m)

20

Côvados

Largura (~10,5m)

30

Côvados

Altura (~15,75m)

1 Reis 6:3 – O Pórtico do Templo

O pórtico (*ulam*, em hebraico) funcionava como a entrada monumental do templo, medindo **20 côvados de comprimento** — alinhado com a largura do edifício principal — e **10 côvados de profundidade**. Esse vestíbulo servia como espaço de transição entre o mundo exterior e o sagrado interior, marcando simbolicamente a passagem da esfera profana para a esfera da presença divina.

Do ponto de vista litúrgico, o pórtico desempenhava função essencial: era o limiar onde os sacerdotes se preparavam antes de entrar no Santo Lugar. Arquitetonicamente, ele conferia imponência à fachada do templo, comunicando visualmente a grandeza do Deus de Israel a todos que se aproximavam.

Debate Acadêmico

2 Crônicas 3:4 menciona uma altura de **120 côvados** para o pórtico, cifra que gera intenso debate entre os estudiosos. Muitos exegetas consideram esta medida uma corrupção textual, sugerindo que o número original seria 20 côvados. Outros propõem que a estrutura funcionava como uma torre elevada à maneira dos pilones egípcios.

Função Teológica

O pórtico representava o **limiar sagrado**, conceito presente em diversas culturas do Antigo Oriente Próximo. Cruzar o pórtico significava entrar no domínio de Deus. As duas colunas que flanqueavam a entrada — Jaquim e Boaz (7:21) — reforçavam essa simbologia de acesso à presença divina sob Sua autoridade e poder.

1 Reis 6:4-10 – Estrutura Interna e Materiais

Os versículos 4 a 10 descrevem com riqueza de detalhes a organização interna do templo e os materiais empregados na construção. O salão principal era dividido em duas seções fundamentais: o **Santo Lugar** (*hekal*), com 40 côvados de comprimento, e o **Santo dos Santos** (*debir*), um cubo perfeito de 20 côvados — espaço reservado à Arca da Aliança e à presença manifesta de Deus.



Cedro do Líbano

As paredes internas foram revestidas com tábuas de cedro do Líbano, madeira nobre importada de Tiro. O cedro simbolizava durabilidade, pureza e majestade — qualidades atribuídas ao próprio Deus.



Revestimento de Ouro

O Santo dos Santos foi completamente revestido de ouro puro, incluindo o piso, as paredes e o teto. O ouro representava a glória divina e a incorruptibilidade da presença de Deus.



Pedras Lavradas

As pedras foram cortadas e preparadas na pedreira, de modo que nenhum som de martelo ou instrumento de ferro foi ouvido no local da construção (v. 7) — simbolizando a paz e a sacralidade do empreendimento.

1 Reis 6:11-13 – A Promessa Divina a Salomão

No meio do relato construtivo, a narrativa é interrompida por uma **revelação direta de Deus a Salomão**. Este oráculo divino constitui o centro teológico de todo o capítulo 6, pois subordina a magnificência arquitetônica à obediência espiritual. Deus declara que habitará no templo e não abandonará o Seu povo Israel — *mas* com uma condição inegociável.

"Quanto a esta casa que tu edificas, se andares nos meus estatutos, e executares os meus juízos, e guardares todos os meus mandamentos, andando neles, cumprirei a minha palavra, que falei a Davi, teu pai." — 1 Reis 6:12 (KJA)

A promessa é **condicional**. A presença de Deus não está vinculada a um edifício de pedra e ouro, mas à fidelidade do coração do rei e do povo. Esta é uma advertência profética que ressoa ao longo de toda a narrativa de 1 Reis: a glória do templo não substitui a obediência à Torá. As implicações teológicas são profundas — antecipam tanto o exílio babilônico quanto a destruição do templo em 586 a.C., quando a infidelidade rompeu os termos da aliança.

Promessa

"Habituarei no meio dos filhos de Israel e não desampararei o meu povo"

Condição

"Se andares nos meus estatutos e executares os meus juízos"

Consequência

A presença divina depende da fidelidade — o templo por si só não garante bênção

Os Trabalhos de Salomão – Palácio e Móveis Sagrados

O capítulo 7 amplia o escopo da narrativa para além do templo, revelando a magnitude do programa construtivo de Salomão. Enquanto o templo levou **sete anos** para ser concluído, o complexo palaciano demandou **treze anos** — dado que alguns comentaristas interpretam como um indicativo da crescente atenção de Salomão ao poder temporal em detrimento do espiritual.



Palácio Real

A residência de Salomão era um complexo suntuoso que demonstrava o poder e a riqueza do monarca. Sua construção de 13 anos superou o tempo dedicado ao templo, sinalizando prioridades ambíguas.



Casa da Floresta do Líbano

Edifício com 100 côvados de comprimento sustentado por colunas de cedro, funcionava como arsenal e salão de recepção. O nome evocava a impressionante quantidade de madeira utilizada.



Mar de Bronze

Enorme bacia de bronze para purificação ritual dos sacerdotes, apoiada sobre 12 bois de bronze — representando as 12 tribos de Israel unidas no culto ao Senhor.



Candelabros de Ouro

Dez candelabros de ouro puro iluminavam o Santo Lugar, substituindo o candelabro único do tabernáculo — amplificando a glória da adoração no novo santuário.

1 Reis 7:13-51 – Hiram de Tiro, o Artesão Mestre



Salomão convocou **Hiram** (não confundir com o rei de Tiro de mesmo nome), um artesão de habilidade excepcional, filho de uma viúva da tribo de Naftali e de um pai fenício. Essa parceria internacional entre Israel e Tiro na construção do templo é significativa: demonstra que Deus pode usar talentos provenientes de fora do povo da aliança para a Sua glória.

Os detalhes artísticos descritos nos versículos seguintes são impressionantes: **esculturas de querubins, palmeiras e flores abertas** adornavam os painéis e as portas do templo. Os querubins representavam a presença guardiã de Deus; as palmeiras, a vida e a prosperidade na terra prometida; e as flores, a beleza efêmera da criação sustentada pelo Criador.

A aliança comercial e cultural entre Tiro e Israel transcendia o mero pragmatismo econômico. Ela demonstrava o cumprimento parcial da promessa abraâmica de que, por meio de Israel, **todas as nações seriam abençoadas** (Gn 12:3).

A Dedicção do Templo

O capítulo 8 é o ápice teológico e litúrgico de toda a seção de 1 Reis 6-12. Todo o povo de Israel reúne-se em Jerusalém para testemunhar o transporte da **Arca da Aliança** — o objeto mais sagrado de Israel — do tabernáculo para o Santo dos Santos do novo templo. O evento ocorreu durante a **Festa dos Tabernáculos**, no sétimo mês, conectando a dedicação do templo com a memória da peregrinação no deserto.

O momento culminante é descrito com poder e solenidade: quando os sacerdotes depositaram a arca no Santo dos Santos, **uma nuvem encheu a casa do Senhor**, de tal modo que os sacerdotes não puderam permanecer ali para ministrar. A *shekinah* — a glória manifesta de Deus — tomou o templo, confirmando visivelmente que Deus aceitara o santuário como Sua morada terrena.

1

Reunião do Povo

Todas as tribos convergem a Jerusalém

2

Transporte da Arca

Sacerdotes conduzem a arca ao Santo dos Santos

3

Glória Divina

A nuvem da shekinah enche o templo

4

Oração e Consagração

Salomão ora e dedica o templo ao Senhor

1 Reis 8:22-53 – A Oração de Salomão

A oração de dedicação proferida por Salomão é uma das mais extensas e teologicamente ricas de toda a Escritura. Posicionado diante do altar, com as mãos estendidas ao céu, o rei intercede pelo povo em **sete petições específicas**, cada uma abordando uma situação concreta de necessidade espiritual e existencial.

01

Justiça nos juramentos

Que Deus julgue entre o justo e o ímpio quando um juramento for feito diante do altar (v. 31-32)

02

Derrota militar

Se Israel for derrotado por ter pecado, que Deus perdoe e restaure ao ouvirem a oração voltada para o templo (v. 33-34)

03

Seca e calamidades

Quando houver seca, fome, peste ou praga, que Deus ouça do céu e perdoe (v. 35-40)

04

O estrangeiro

Que mesmo o estrangeiro que orar voltado para o templo seja ouvido — para que todos os povos conheçam o nome do Senhor (v. 41-43)

05

Batalha

Quando o povo sair à guerra, que Deus sustente a sua causa (v. 44-45)

06

Exílio e arrependimento

Se o povo pecar e for levado cativo, que ao se arrependerem e orarem em direção ao templo, Deus perdoe e restaure (v. 46-51)

07

Apelo final

Que os olhos do Senhor estejam abertos para a súplica do Seu povo dia e noite (v. 52-53)

A inclusão dos **estrangeiros** na oração é notável e teologicamente revolucionária para o contexto. Salomão reconhece que o Deus de Israel não é uma divindade tribal, mas o Senhor de toda a terra, cuja fama deve alcançar todas as nações.

1 Reis 8:54-66 – Celebração e Sacrifícios

Após a oração, Salomão levantou-se e abençoou toda a congregação de Israel em alta voz. A celebração que se seguiu foi de proporções extraordinárias: **22.000 bois e 120.000 ovelhas** foram oferecidos em sacrifício de paz. Esse número colossal, embora questionado por alguns críticos modernos, reflete a magnitude do evento e a participação de toda a nação.

A festa estendeu-se por **sete dias** (coincidindo com a Festa dos Tabernáculos), seguidos por mais sete dias de celebração, totalizando catorze dias de alegria nacional. No oitavo dia, Salomão despediu o povo, que retornou às suas tendas "alegre e de bom ânimo por todo o bem que o Senhor fizera a Davi, seu servo, e a Israel, seu povo" (v. 66).

O impacto social e religioso foi profundo: pela primeira vez, Israel possuía um **centro de culto unificado** que substituíria os múltiplos santuários locais. O templo consolidava a identidade nacional em torno da adoração a Yahweh e fortalecia os laços entre as tribos sob a monarquia davídica.



📄 **Dados dos sacrifícios:** 22.000 bois e 120.000 ovelhas — os maiores números sacrificiais registrados na Bíblia, demonstrando a grandeza e unidade da celebração.

A Confirmação da Aliança e Instruções Finais

Após a conclusão do templo e do palácio, o Senhor apareceu a Salomão pela **segunda vez** — assim como havia aparecido em Gibeão (1 Rs 3:5). Nesta teofania, Deus reafirma a aliança davídica, declarando ter santificado o templo e colocado ali o Seu nome para sempre. Seus olhos e Seu coração estariam perpetuamente naquele lugar.

Contudo, a reafirmação vem acompanhada de uma **advertência severa**. Se Salomão ou seus filhos se desviarem, abandonarem os mandamentos e servirem outros deuses, as consequências serão devastadoras: Israel será cortado da terra e o templo será rejeitado da presença de Deus, tornando-se motivo de escárnio entre as nações.

Reafirmação

Deus confirma a santificação do templo e a aliança com a casa de Davi

Advertência

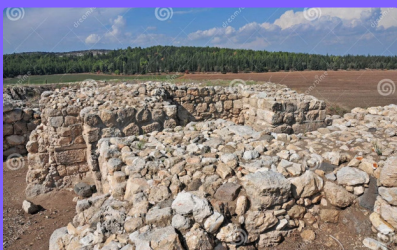
Se houver apostasia, o templo será destruído e Israel disperso entre as nações

Profecia

O templo se tornará "montão de ruínas" — cumprido em 586 a.C. com a invasão babilônica

1 Reis 9:15-28 – Obras Adicionais de Salomão

Os versículos seguintes detalham a ampla atividade construtiva e comercial de Salomão, revelando a **expansão econômica e militar** do reino. Utilizando trabalho compulsório (*corveia*), Salomão fortificou cidades estratégicas como Hazor, Megido e Gezer — posições-chave para o controle das rotas comerciais e a defesa das fronteiras.



Cidades Fortificadas

Hazor, Megido e Gezer foram reconstruídas com portões salomônicos idênticos — fato confirmado por escavações arqueológicas de Yigael Yadin.



Frota Mercante

Salomão construiu navios em Ezion-Geber, junto ao Mar Vermelho, que navegavam até Ofir trazendo ouro, pedras preciosas e madeira de sândalo.



Prosperidade Econômica

O comércio internacional gerou riqueza sem precedentes, mas o texto bíblico aponta que a prosperidade material deveria estar vinculada à obediência espiritual.

A Visita da Rainha de Sabá

O capítulo 10 narra um dos episódios mais célebres do reinado de Salomão: a visita da **Rainha de Sabá**, provavelmente proveniente do atual Iêmen ou da Etiópia. Ouvindo falar da fama de Salomão "no que se refere ao nome do Senhor" (v. 1), ela empreendeu uma longa jornada com uma **imponente caravana de camelos** carregados de especiarias, ouro em grande quantidade e pedras preciosas.

Ao conversar com Salomão e observar sua sabedoria, a organização de sua corte, o serviço de seus oficiais e os holocaustos que oferecia no templo, a rainha ficou tão impressionada que "já não havia mais espírito nela" (v. 5). Sua declaração é reveladora: *"Bendito seja o Senhor teu Deus, que se agradou de ti, para te pôr no trono de Israel"* (v. 9).

Este episódio simboliza o **reconhecimento internacional** da sabedoria e da bênção divina sobre Israel. O próprio Jesus aludiu a esta visita em Mateus 12:42, declarando que "a Rainha do Sul" levantará no juízo com a geração incrédula, pois veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão — e ali estava alguém maior que Salomão.

1 Reis 10:14-29 – Riquezas e Sabedoria de Salomão

O inventário detalhado das riquezas de Salomão impressiona pela sua magnitude. O texto registra que o rei recebia anualmente **666 talentos de ouro** (aproximadamente 25 toneladas), além de tributos de mercadores, reis árabes e governadores da terra. Todo o reino respirava opulência: a prata em Jerusalém era "tão comum quanto pedras", e o cedro, "tão abundante como figueiras bravas" (v. 27).



Trono de Marfim

Um grande trono de marfim revestido de ouro puro, com seis degraus e leões de cada lado — sem igual em nenhum reino (v. 18-20)



Escudos de Ouro

200 escudos grandes e 300 escudos menores de ouro batido, guardados na Casa da Floresta do Líbano (v. 16-17)



Navios de Társis

Frota que trazia ouro, prata, marfim, macacos e pavões a cada três anos — evidência do alcance comercial global (v. 22)

Porém, subjaz ao texto uma **advertência implícita**. Deuteronômio 17:16-17 já proibira ao rei israelita acumular cavalos do Egito, multiplicar mulheres e amontoar ouro e prata em excesso. Cada um desses pecados será explicitamente atribuído a Salomão nos capítulos seguintes. A narrativa das riquezas funciona, portanto, como um **prelúdio irônico** ao declínio.

O Declínio de Salomão

O capítulo 11 marca a trágica inversão na história de Salomão. Aquele que era celebrado como o mais sábio dos reis **amou muitas mulheres estrangeiras** — moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e heteias —, totalizando 700 esposas e 300 concubinas. Essas alianças matrimoniais, embora politicamente estratégicas, transgrediram frontalmente a proibição de Deuteronômio 7:3-4.

O resultado foi devastador: "Na velhice de Salomão, suas mulheres **lhe perverteram o coração** para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito para com o Senhor seu Deus" (v. 4). Salomão construiu altares para **Quemós** (deus de Moabe), **Moloque** (abominação dos amonitas) e **Astarote** (deusa dos sidônios) — uma apostasia que tornava o contraste com o capítulo 8 ainda mais chocante.



Casamentos Estrangeiros

700 esposas e 300 concubinas de nações pagãs

Perversão do Coração

As mulheres inclinaram o coração de Salomão para outros deuses

Idolatria Ativa

Construção de altares para Quemós, Moloque e Astarote

Juízo Divino

Deus anuncia a divisão do reino como castigo pela infidelidade

1 Reis 11:26-40 – O Surgimento de Jeroboão

Jeroboão, filho de Nebate, era um efraimita industrioso que serviu a Salomão como superintendente de obras. Sua competência chamou a atenção — mas foi um encontro profético que mudou o curso da história de Israel.

O profeta **Aías, o silonita**, encontrou Jeroboão no caminho e, numa ação simbólica poderosa, rasgou sua capa nova em **doze pedaços**, entregando dez a Jeroboão. Cada pedaço representava uma tribo: Deus arrancaria o reino das mãos de Salomão (na pessoa de seu filho) e daria dez tribos a Jeroboão, reservando apenas uma tribo (Judá, incluindo Benjamim) à casa de Davi — "por amor de Davi, meu servo, e por amor de Jerusalém, que escolhi" (v. 32).

Quando Salomão tomou conhecimento da profecia, tentou matar Jeroboão, que fugiu para o **Egito**, encontrando refúgio junto ao faraó Sisaque. Ali permaneceu até a morte de Salomão — uma ironia amarga: o futuro rei de Israel abrigando-se na mesma terra de onde Deus havia libertado o povo séculos antes.



❏ **Ação profética simbólica:** No Antigo Testamento, profetas frequentemente utilizavam ações concretas para comunicar a palavra de Deus (cf. Is 20, Jr 19, Ez 4). O rasgar da capa por Aías era uma declaração divina irrevogável sobre o futuro de Israel.

A Divisão do Reino

O capítulo 12 narra o momento mais decisivo da história monárquica de Israel. Após a morte de Salomão, seu filho **Roboão** viajou a Siquém para ser coroado. O povo, porém, liderado por Jeroboão (recém-retornado do Egito), apresentou uma condição: que o novo rei aliviasse o pesado jugo imposto por Salomão.

Roboão consultou os anciãos, que aconselharam moderação. Mas, rejeitando sua sabedoria, seguiu o conselho dos **jovens** de sua geração: *"Meu pai vos castigou com açoites; eu, porém, vos castigarei com escorpiões"* (v. 14). Essa resposta arrogante e imprudente precipitou a ruptura: as dez tribos do norte rejeitaram a casa de Davi e proclamaram Jeroboão como rei.

Reino do Norte — Israel

10 tribos sob Jeroboão. Capital em Siquém (depois Samaria).
Caracterizado por instabilidade dinástica e idolatria persistente.

Reino do Sul — Judá

Tribos de Judá e Benjamim sob Roboão. Capital em Jerusalém.
Preservou a linhagem davídica e o templo.

O narrador bíblico deixa claro: *"Essa mudança de rumo foi obra do Senhor"* (v. 15). A divisão não foi mero acidente político, mas o cumprimento da profecia de Aías e a consequência direta da infidelidade de Salomão. As consequências duradouras dessa cisão marcariam toda a história subsequente de Israel até o exílio assírio (722 a.C.) e babilônico (586 a.C.).

Conclusão: Lições Teológicas e Históricas de 1 Reis 6-12

Os capítulos 6 a 12 de 1 Reis compõem um arco narrativo magistral que percorre da **glória mais sublime à ruína mais lamentável**. A construção do templo, a dedicação com a manifestação da shekinah, a sabedoria reconhecida internacionalmente — tudo isso culmina numa queda provocada pela idolatria e pela desobediência.

O Templo como Símbolo

A Casa do Senhor representava a presença de Deus no meio do Seu povo e o cumprimento das promessas da aliança. Porém, o edifício nunca substituiu a obediência do coração — verdade reiterada pelos profetas e pelo próprio Jesus.

Sabedoria e Falhas de Salomão

A trajetória de Salomão serve como alerta solene para todo líder espiritual: a sabedoria divina é dom que exige fidelidade contínua. O coração dividido entre Deus e os ídolos conduz inevitavelmente à ruína.

A Divisão como Juízo

A separação entre Judá e Israel não foi acidente histórico, mas juízo divino sobre a infidelidade. Contudo, mesmo no juízo, Deus preservou a linhagem davídica — apontando para o Rei eterno que viria daquela descendência.

Relevância Permanente

Este bloco narrativo nos ensina que a verdadeira adoração nunca se resume a estruturas externas, mas requer um coração íntegro, obediente e totalmente devotado ao Senhor.